

DIÁLOGOS SOBRE DRAMATURGIAS NEGRAS: UMA ENTREVISTA COM JULIANNA ROSA DE SOUZA

Jesse da Cruz¹

Resumo: Este ebó sensível em forma de diálogo é uma oferenda de padê para Exu. Um padê feito pelas artes da cena encruzilhada pelas dramaturgias negras e seu campo de despacho. Encruzilhada que trilha caminho da pesquisadora, professora, militante, artista, mulher preta, macumbeira, doutora Julianna Rosa de Souza, por meio de um encontro carnal feito na encruzilhada da vida, que posteriormente resultou em um convite especial para este momento. As questões foram encaminhadas via drive, Outubro/2022, cujo objetivo é promover este despacho em forma conversa, provocado pelo atravessamento de vida, percurso e ações culturais, artísticas e profissionais da convidada.

APRESENTAÇÃO

Este texto não é uma entrevista. É um ebó dramático, cujo fazer esta em promover um encontro dialógico de uma corpa negra, macumbeira, professora, artista e do movimento negro do Estado de Santa Catarina, que contribui nacional para pesquisas no viés do teatro e dramaturgia negra. Legado deixado por Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos com Teatro Experimental do Negro (TEN).

Doutora em Teatro com tese sobre o tema do teatro negro, discutindo a construção de textos teatrais a partir da autoria negra, mestra em Teatro com dissertação sobre dramaturgia da dança dos orixás de Augusto Omolú, ambas, feitas no Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT) na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

Julianna Rosa de Souza faz parte do Ojú Obìnrín, Observatório de Mulheres Negras, grupo de pesquisa do CNPq, liderado pela professora doutora Núbia Regina Moreira na UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E integrante do NEN - Núcleo de Estudos Negros de Santa Catarina, coordenado por Mariana Milan. Já fez parte do NUDHA - Núcleo de Direitos Humanos, Diversidade e Ações Afirmativas, nos anos

¹ Universidade Regional de Blumenau e Universidade Federal do Paraná. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (PPGE-UFPR). Membro da linha de pesquisa LICORES (Linguagem, Corpo e Estética na Educação) e pesquisador do grupo de pesquisa RIZOMA (RIZOMA/UFPR). Conselheiro Científico da ANDA (Associação Nacional da Dança). ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-8815-9662>> E-mail: jessecruz@ufpr.br.

de 2020 e 2021, que na época era coordenado pela professora doutora Maria Aparecida Clêmcio, no Centro de Artes da UDESC.

Encruzilha em parceira com o Coletivo Nega, grupo de pessoas pretas, artistas, do estado de Santa Catarina que atuam há 10 anos com teatro negro em âmbito local e nacional. Fez parte, durante seu doutoramento, do Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição - LEECCC, coordenado pelo professor doutor Júlio Cesar de Tavares na Universidade Federal Fluminense - UFF.

Esta dramaturgia enquanto corpo, leciona no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Faculdade de Ciências, Educação, Saúde, Pesquisa e Gestão - CESUNPEG. Esteve como professora colaboradora no Departamento de Artes Cênicas - DAC, na área da teoria teatral no curso de licenciatura em Teatro da UDESC, entre os anos de 2016 e 2018.

Mulher do axé, mulher cis, preta, LGBT, de família inter-racial do bairro periférico Jardim Zanellato, da cidade de São José em Santa Catarina. Produz pesquisas que se concentram na área do teatro, especificamente teatro negro, e refletindo sobre o modo como o racismo e a branquitude operam dentro do campo artístico, na narrativa ficcional, estudando performances, cultura e arte dentro de uma visão afro-diaspórica, interseccional e feminista.

Atualmente tem um livro publicado (HUCITEC, 2022) intitulado “O teatro negro e as dinâmicas do racismo no campo teatral”, e faz pós-doutorado em Estudos Culturais na UFRJ integrando o LEN – Laboratório de Estudos Negros.

Peço licença a Exu, senhor do movimento, dos caminhos, das trilhas, das curvas, das retas, do corpo, para dançar reflexões decoloniais e exusística neste Dossiê “LINGUAGENS DE (RE)EXISTÊNCIA DE CORPOS PERIGOSOS E SUBVERSIVOS: PRETOS, INGÍGENAS E DISSIDENTES NA CENA DAS ARTES” da revista Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação (ISSN: 1981-9943).

Encruzilhada: trilha cruzada ao acesso

Jesse da Cruz (JC) - Como chegou na universidade? Que encruzilhadas foram possíveis para este acesso até o doutorado?

Julianna Rosa de Souza (JRS) - Ah essa pergunta me faz lembrar da trajetória, mas principalmente das questões estruturais do racismo junto as categorias de classe e

gênero. Na prática, entrei na universidade aos 17 anos e tive o privilégio de contar com três anos de estudos em escola privada no ensino médio e mais um ano de cursinho pré-vestibular pagos pela minha madrastra, uma mulher branca. Fora todo apoio financeiro com transporte e alimentação que ela também provia. Isto foi essencial, sem esse privilégio, de estudar integralmente e me preparar para o vestibular, não teria sido possível entrar na universidade.

Digo isso, pra gente romper já logo de início com a ideia de mérito. Hoje com o título de doutora, não tenho nenhuma ilusão sobre o sistema. Fiz mestrado, doutorado e precisei garantir o primeiro lugar geral com a nota mais alta pra ter bolsa, porque sabia que minha mãe não teria condições de me bancar por 6 anos de pós-graduação.

Não é possível permanecer na universidade se você não tiver uma estrutura básica e financeira ou então terá que fazer por fora muitas horas de trabalho remunerado e o preço disso vai ser sua saúde mental. Hoje, tô numa fase da vida que tenho total consciência que os fatores econômicos estão associados com raça e isso nos impede de ocupar espaços que os brancos por posição garantida pelo seu grupo racial permanecem já há séculos. E é isto que os intelectuais chamam de hegemonia, esta estrutura de poder consolidada.

A universidade é um desses espaços históricos de poder e é mantida institucionalmente por um mesmo grupo racial e de gênero: homens brancos.

DRAMATURGIA NEGRA: para quem, de quem e com quem.

(JC) - No campo da Dramaturgia Negra nos aponta quais características necessárias para que esta dramaturgia seja negra?

(JRS) - A autoria. Depois do doutorado vi que, primeiro: diversos coletivos negros apresentam uma compreensão específica. E obviamente que são posições distintas e às vezes até contraditórias entre si. Na minha obsessão como pesquisadora, na época durante o doutorado, tive que superar a ideia de que haveria uma definição única e de consenso sobre a dramaturgia negra. E aí entra o segundo ponto: o sistema racial nos apresenta a armadilha da pretensa universalidade branca, pois naturalizamos as referências tidas como clássicas, desassociando o grupo que produz estas narrativas de sua condição racial:

a branquitude. Então, de forma resumida, hoje, concordo muito com Aldri Anuniação² e Dione Carlos³, por exemplo, quando afirmam a existência de uma dramaturgia negra a partir da subjetividade negra, ou seja, a partir da autoria.

E acrescento: dentro do escopo dramaturgia negra é preciso integrar os elementos corpo, memória e ancestralidade. Tudo isso que escrevo vieram das bases de intelectuais negros e negras, em sua maioria, brasileiras e brasileiros. Tá tudo aí, nos livros e na oralidade. Sou apenas, alguém que transmite e é continuidade desse movimento de pessoas pretas que já estão falando sobre isso há muito tempo.

MACUMBARIAS: TERRITORIAL

(JC) – Pensar corpos perigosos e subversivos é deslocar o apagamento histórico colonial. Ao pensar no teatro negro e nas macumbas quais as relações possíveis?

(JRS) - Muitas. Nem saberia numerar, aliás, isso é sintoma da colonialidade: classificar e hierarquizar.

As relações são inúmeras. São potentes, são sensíveis e sensoriais. Estão no campo da intuição e a academia cartesiana e colonial não quer olhar para a intuição como epistemologia criativa.

É do terreiro que saiu toda a reinvenção cultural das diásporas. Nosso desafio é o racismo, e nesse caso, os seus desdobramentos no campo religioso.

(JC) – a partir da estética entre caboclos, orixás, encantados e personagem na dramaturgia negra, como relacionar as divindades e seus saberes para a cena.

² Aldri Anuniação (Salvador, Bahia, 1973). Ator, dramaturgo, apresentador de TV, diretor teatral. Autor de diversas dramaturgias publicadas, destaca-se por *Namíbia, Não!* pela qual recebe o Prêmio Jabuti de Literatura em 2013, na categoria de Literatura Juvenil. A obra é adaptada para o cinema no longa-metragem *Medida Provisória* (2020)

³ Atriz, Dramaturga, roteirista e curadora, Dione Carlos cursou Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo. Atuou como atriz por dois anos na Cia do ator Renato Borghi. Formada em Dramaturgia pela SP Escola de Teatro. É responsável por cerca de quinze textos encenados por diversos grupos: Cia do Pássaro, Cia do Caminho Velho, Cia Livre, Coletivo Legítima Defesa, Cia Capulanas de Arte Negra, dentre outras. Autora do livro *Dramaturgias do Front* pela editora Primata, integra também as seguintes coletâneas: *Dramaturgia Negra*, da Funarte; *Negras Insurgências*, da editora Dione Carlos atua como orientadora artística do Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Teatro de Santo André – ELT. É ainda responsável por diversas curadorias de festivais nacionais e internacionais. Representou o Brasil no Dia Internacional da Língua Portuguesa, em 2019, tendo palestrado no Museu da Acrópole, em Atenas, Grécia.

(JRS) - Esse é o caminho que precisamos trilhar e escrever, sim, registrar, nas próximas décadas. Vou citar alguns nomes que já estão neste busca de uma estética do encantamento a partir da Macumbaria:

Onisaje⁴ com o teatro preto de candomblé;

Benjamin Abras⁵ com o Afro Butoh e o corpo encantado;

e Jessé Cruz⁶ com a Borigrafia.

MACUMBARIAS: CÊNICA

(JC) - A cena preta ainda trás muito sofrimento e sempre uma situação de resistência. Quando iremos ou quais estratégias para saborearmos as poéticas e belezas pretas.

(JRS) - Saborear é reconhecer o instante que te apetece. Em outras palavras, não acredito em um momento pleno como ponto de chegada.

Reconhecer no ato em que se vive, permitir ser afetada no momento presente, desconsiderar a projeção idealista de um lugar futuro repleto de felicidade, podem ser algumas pistas para a tua pergunta.

⁴ ONISAJÉ (Fernanda Júlia) é diretora teatral, graduada no Bacharelado em Direção Teatral da Escola de Teatro da UFBA, mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós graduação em Artes Cênicas – PPGAC – UFBA, com a dissertação Ancestralidade em cena: Candomblé e Teatro na formação de uma encenadora, atualmente é doutoranda no mesmo programa. É Yakekerê (mãe pequena, segunda sacerdotisa do terreiro) no Ilê Axé Oyá L'adê Inan, foi professora substituta da Escola de Teatro da UFBA nos semestres 2017.2 e 2018.1, nos cursos de Direção, Interpretação e Licenciatura. Diretora fundadora do Núcleo Afro brasileiro de Teatro de Alagoinhas – NATA, fundado em 17 de outubro de 1998 na cidade de Alagoinhas BA. Dramaturga, preparadora-formadora de atuantes (atores), educadora e pesquisadora da cultura africana no Brasil com ênfase nas religiões de matriz africana o Candomblé.

⁵ Benjamin Abras (nascido em Belo Horizonte, em 1975) é um artista contemporâneo interdisciplinar, poeta, diretor de dança-teatro, dramaturgo e ensaísta. Suas performances, instalações, objetos, desenhos e pinturas refletem suas experiências nas tradições afro-brasileiras do Candomblé e da Capoeira de Angola. Atuou, realizou exposições e participou de residências artísticas no Reino Unido, na Dinamarca, na Índia e no Senegal. Como artista convidado do Festival Internacional de Artes FESMAN, apresentou a performance 'MASEMBA' em 2010, apresentou-se na Bienal de Arte de Dacar (Dak'Art) em 2014, e em Helsinki, em 2019. É autor do livro *Falanges* e gravou o CD 'O que se cala é grande'. Abras completou recentemente uma imersão de um ano nas práticas conceituais e técnicas do Afro-Butô no Teatro Nacional da Tunísia, onde atualmente está realizando pesquisas sobre a história da escravidão na África.

⁶ Jesse da Cruz é Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (PPGE-UFPR) onde desenvolve a tese pré-intitulada "*BORIGRAFIA: Cruzos Singulares de um Corpo Negro*" a ser defendida em MARÇO/2023, cujo foco é pensar o processo de criação na cena das artes a partir do Ori, uma metodologia decolonial que parte do princípio de considerar os traços subjetivos que compõem o corpo negro, sua gestualidade enquanto arte dançante, o "pensamento" e "expressão" da cultura e um sentimento de pertencimento que fala de um território feito de 'linhas', 'cruzos'.

Nosso horizonte precisa ser o pertencimento dos nossos e a reparação econômica. Não gasto mais meu tempo explicando para os brancos a profundidade das nossas poéticas e a beleza que existem em nossas produções.

Porque há uma distorção baseada nos valores eurocentrados, saca? Os brancos vão ver os nossos corpos negros como objetos exóticos, e até o elogio será a partir da estigmatização de beleza.

MACUMBARIAS: ANCESTRAL

(JC) – Fale um pouco do seu livro “O teatro Negro e as dinâmicas do racismo no campo teatral”.

(JRS) - Quando sai do hospital em 2017, após um estresse pós traumático devido à estafa do trabalho acadêmico, disse à minha mãe: Vou escrever um livro, você acha que eu consigo? Ela me sorriu com os olhos de maré cheia e disse: Oh minha filha, claro que sim, que bom que você já está pensando em escrever.

Ela sabia da importância que isso tinha pra mim. Tanto que sem o amor dela, sem o apoio e a presença dela, não teria conseguido e, por isso, dedico o livro a ela. Ela é uma mulher branca e é também desta relação com ela, conflituosa, racista, intensa e divergente, que me descubro negra e com atração sexual e afetiva por mulheres.

Esse livro foi escrito de forma visceral e sincera. Está numa linguagem acadêmica, organizado de forma a apresentar conceitos sobre como raça e como a branquitude são categorias que operam no campo teatral. Tem muito ali dos coletivos negros que entrevistei, das experiências que vivi e senti sendo uma mulher preta e professora universitária. Foi essencial o trabalho do Coletivo Nega, por exemplo.

No livro também está o meu incômodo com o currículo acadêmico, e a busca inquieta, quase obsessiva como diz Leda, em definir o que é teatro negro e dramaturgia negra. Existem lacunas que o livro não dá conta, no sentido de que existem caminhos teóricos e metodológicos que não adentrei, como por exemplo: as questões de gênero dentro do processo criativo e autoral das poéticas negras. Tenho tido retornos positivos sobre os conteúdos do livro e para quem deseja fazer a leitura de forma acessível e gratuita tem também a versão em pdf no formato da tese⁷, defendida em 2019 e disponível no modo on-line no site da biblioteca da Udesc.

⁷ <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00008c/00008c9e.pdf>

EBÓ CÊNICO

O contexto social do Brasil é determinado pelas contribuições civilizatórias de diversos grupos étnico-raciais, entre os quais se destacam os afrodiáspóricos. Essas contribuições podem ser encontrada na gastronomia, literatura, saúde, arquitetura, arte e muito mais. No entanto, as formas como os saberes afrodiáspóricos foram colocadas nos regimes de representação dominantes responsáveis por gerar assimetrias sociais e étnico-raciais que ainda hoje impactam negativamente a experiência negra na sociedade brasileira. Assim, esse conjunto de assimetrias sociais e étnico-raciais é resultado de um processo de colonização em largo escala e pode ser explicado pela relação que se estabelece entre dominação e representação.

Sabemos que o processo de “descolonização” brasileira ainda não está completo, afinal, com o fim do processo de exploração colonial iniciado no século XVI, segundo Quijano (2010), vivenciamos as consequências sociopolíticas desse processo: colonização. Podemos entender o colonialismo como um conjunto de processos que vão além das especificidades do colonialismo histórico e não desaparecem com os procedimentos que formalizaram a independência das nações colonizadas.

O colonialismo é um dos componentes do modelo de mundo eurocêntrico que estrutura o conceito de humanidade em que as sociedades são divididas em inferiores e superiores, primitivas e civilizadas, tradicionais e modernos. Em suma, o colonialismo das ideias se manifesta na ausência de conhecimento dos povos originários, negando os direitos das minorias étnicas (QUIJANO, 2010). Para produzir estereótipos raciais contínuos e, como resultado, a instituição do racismo. Nas artes cênicas especialmente no contexto de apresentações teatrais, como reafirma a Dr. Julianna Rosa de Souza.

O colonialismo é estruturado por meio de um conteúdo histórico hegemônico baseado em perspectivas coloniais e eurocêntricas, que operam na invisibilidade de Grupos de Teatro fundados por artistas pretos, produzindo e contratando atores que usam o tipo de raça como critério de seleção, mesmo por meio do uso de textos dramáticos que periodicamente perpetuam estereótipos na criação de personagens pretos, construindo estigmas e paradigmas raciais, entre outros (SOUZA, 2020).

Dessa forma, a ruptura com o colonialismo pode ser entendida como um confronto com um sistema de pensamento hegemônico e, conseqüentemente, como um ato de

libertação histórica e cultural. Uma desobediência epistêmica e uma resistência política que podem nos levar a compreender as motivações para pensar o teatro na perspectiva de artistas, pesquisadores e professores negras-negros: o teatro negro.

Que este ebó cênico possa ser o banho negro que compõem narrativas e relações diversas afrodiáspórica e afro-brasileira. Que esta dramaturgia evocada no diálogo com Julianna Rosa de Souza seja uma das pontas desta relação dramática entre estudo, o fazer artístico e a militância do reconhecimento ancestral, social, político e cultural.

REFERÊNCIAS

SOUZA, Julianna Rosa de. Personagem Negra: uma reflexão crítica sobre os padrões raciais na produção dramática brasileira. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 7, p. 274-295, 2017.

SOUZA, Julianna Rosa de. **As estruturas do racismo no campo teatral**: contribuições para pensar a branquitude e a naturalização do perfil branco na construção de personagens. *Pitágoras 500*, v. 10, n. 1, 30 jul. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

Submetido: 30/11/2022

Aceito: 05/12/2022